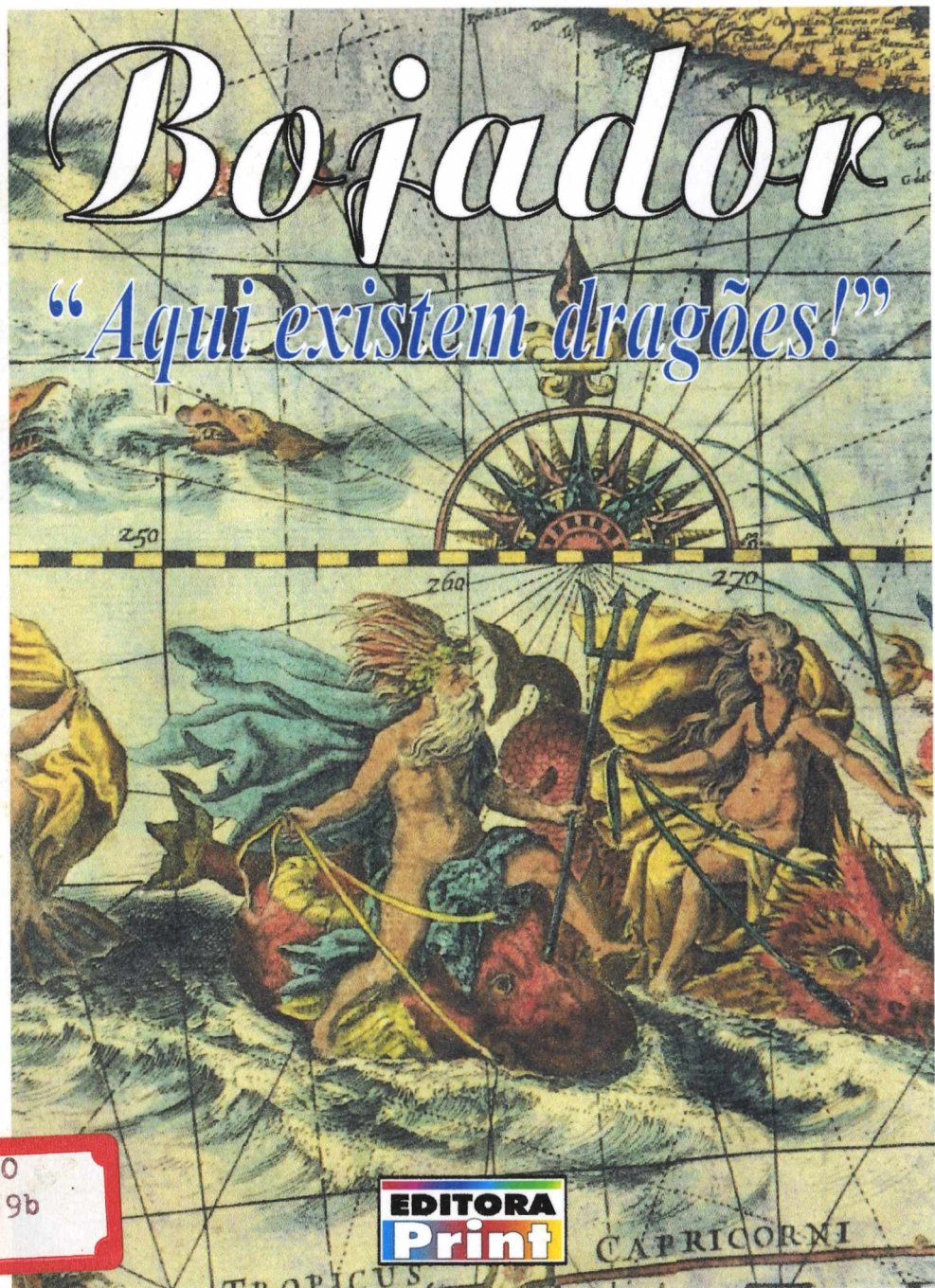


LENINE PINTO

Bojador

“Aqui existem dragões!”



10
59b

EDITORA
Print

NATAL/RN - 2007

BOJADOR(*): “*Aqui existem dragões!*”

Lenine Pinto

*“Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.”*

Fernando Pessoa

Nunca será demais enfatizar os obstáculos enfrentados pelos portugueses durante suas experiências marítimas, a começar pela dificuldade em vencer o Bojador depois de passado o cabo Não, na costa marroquina, porque os fenícios haviam criado lendas aterrorizantes sobre as navegações no Atlântico, amplamente difundidas pelos mouros para afastarem a concorrência de seu litoral: mares povoados por monstros, névoas densas, cheiro de podridão subindo das profundezas, recifes à flor da água e outras ameaças intimidantes.¹ O próprio Infante D. Henrique, ao conceder à Ordem de Cristo, em 26 de dezembro de 1457, a vintena dos resgates feitos na Guiné, relata que “sendo certo desde a memória dos homens que não havia notícia alguma, na cristandade, sobre mares, terras e gentes para além do cabo de Não

contra o *meio dia* (ao sul do Sul) me empenhei em saber parte do que havia dali em diante, mandando muitos navios e caravelas com meus criados e servidores, os quais, por graça de Deus, passando o dito cabo avante, alguns recebendo morte e outros postos em grandes perigos, prouve Nosso Senhor me dar certa informação e sabedoria sobre aquelas partes, além das mercadorias, ouro e outras muitas coisas que de lá vêm e cada dia se descobrem.”²

Verdade que as façanhas dos marinheiros e pescadores lusitanos eram de causar espanto: esbarraram na Terra Nova, nas Antilhas, até mesmo na Flórida antes de D. Henrique estabelecer o ciclo de estudos de Sagres (c.1430) a partir de quando as expedições passaram a ser orientadas por normas científicas e concepções político-econômicas imbuídas do *espírito templário* da Ordem de Cristo: enriquecer o país com novas linhas comerciais, enquanto combatiam os infiéis sarracenos e turcos - inimigos da cristandade – e iam evangelizando os povos pagãos.

Tristão Vaz Teixeira e João Gonçalves Zarco, adentrando o *mar tenebroso* descobriram a ilha da Madeira, D. Fernando de Castro chegou ao arquipélago das Canárias, outros circularam pela vasta região do Mar dos Sargaços no Atlântico Norte, alcançando os Açores com Diogo de Silves – ou teria sido Gonçalo Velho, um frade que, na expressão de João Ribeiro “*descora a genialidade*

do genovês ao iniciar o rumo de Oeste e, por setenta anos é o precursor de Colombo?”³

Diego de Teive que, segundo Jaime Cortesão, buscava *ilhas imaginárias*, descobriu (cerca de 1452) o grupo mais avançado dos Açores: Flores e Corvo, tendo “alcançado as águas do banco da Terra Nova e recolhido indícios da proximidade de terras a ocidente...”⁴

Para o céptico almirante Samuel Eliot Morison, Teive “é o candidato favorito a uma descoberta portuguesa pré-colombiana da América.”⁵

Cortesão contempla não apenas o feito de Teive, “de veracidad historica averiguada, tanto por sí como por sus resultados”, mas também o mapa de Bianco, de 1448, “que indica la existencia de una gran tierra al suroeste de Cabo Verde”, eventos que, segundo ele, “constituyen las dos bases historicas más firmes que hemos podido averiguar para prosseguir el estudio de las demás viajes precolombinas hacia el Occidente en tiempo de Don Juan II”⁶.

Pandiá Calógeras vai adiante ao sugerir que, em meados dos anos Quatrocentos, os navegantes lusos já soubessem “que de permeio à Europa e à Índia jazia outro trecho continental.”⁷ Edgard Prestage, no entanto, remete o descobrimento da América ao ano da chegada

de Colombo, embora em data anterior à do genovês: “No começo de 1492 [Colombo somente chegaria em outubro] João Fernandes e Pedro de Barcelos empreenderam uma viagem para o Norte (e) embora não saibamos que terras eles visitaram, a Groenlândia por certo foi uma delas, tal como aparece no mapa de Kretchmer, de 1502.”⁸ Por coincidência, nesse mesmo ano a península da Flórida é registrada no mapa português anônimo conhecido como *Mapa de Cantino*, apesar da Flórida somente ter sido oficialmente descoberta mais tarde, em 1513, pelo espanhol Ponce de León. Este detalhe, reconhece Duarte Leite, “denuncia a existência dum descobrimento português, forçosamente clandestino, realizado antes de 1502”⁹.

Existem argumentos concretos para comprovar essas viagens, um deles os nomes portugueses com os quais foram batizados alguns acidentes geográficos. Além dos nomes de cores, comuns na indicação dos novos lugares descobertos e das exceções que confirmam a regra, Prestage alinha os toponímicos “Cabo Formoso,” “Bahia das Gamas,” “Cabo Boa Vista,” “Bahia da Conceção,” “Rio de São João” *etc.*¹⁰ Consuelo Varela acrescenta que “los Corte Real incluyeron (...) topónimos que inequívocamente querían demonstrar un conocimiento de aquellas costas: *cabo raso, fremoso, de espera, do fogo, do baccalhao, boa ventura*”¹¹.

Interessante é notar que os pescadores davam aos lugares de suas descobertas os nomes que quisessem, enquanto a nomenclatura dos descobrimentos controlados pela Ordem de Cristo, na costa africana e no Brasil, geralmente obedeciam à invocação religiosa, como Monte Pascoal (referente à páscoa) e Cananéia (alusão à localidade de um dos milagres de Jesus) ou ainda, e principalmente, à adoção dos *oragos*, dando-se a cada um dos novos lugares encontrados o nome do Santo do Dia.

* * *

No livro **Cristóbal de Haro/Banqueros y pimenteros en busca del estrecho magallanico**, Paul Gallez evoca algumas importantes expedições portuguesas, como aquela que uniu em 1477 Dom Afonso V e o rei Cristiano I, da Escandinávia, numa diligência em direção ao Noroeste do Ártico, refazendo a rota dos vikings. Menciona também que o mesmo Afonso V financiou outra expedição à procura de uma passagem a Nordeste, contornando a Noruega, mas foi ela bloqueada pelo gelo. Isso mostra que os portugueses estavam verificando todas as possibilidades de alcançar a Índia e a China via Noroeste e/ou Nordeste, o que terminou acontecendo em 1701, quando o capitão David Melgueiro descobriu a rota Pacífico-Atlântico via Ártico (*a passagem ao Nordeste*) no comando do navio *O Pai Eterno*, de bandeira holandesa.¹²

Além disso, existem fundadas suspeitas sobre navegações portuguesas à Antártida no período 1500-1600, e o professor Gallez menciona que a expedição de João de Lisboa em 1514 - financiada por banqueiros e não pela Coroa - avançou em direção ao Pólo Sul entre 600 e 700 milhas para além do que antes fora alcançado por Gonçalo Coelho e Vespúcio (52-53° graus de latitude Sul) devendo ter atingido 62° S ou um pouco mais.¹³

Todavia, até a década de 30 do Século XV, na costa marroquina a coragem dos bravos lusitanos não ia além do velejo *por rumo e estima*,¹⁴ de olho em terra, temerosos do provérbio segundo o qual, “Quem passar o Cabo de Não/Ou voltará ou não.”¹⁵

Amedrontava-os a simples aproximação ao malsinado promontório. A lembrança do que dizia-se sobre ondas jogando navios aos arrecifes, irresistíveis correntezas que mudavam de direção cada vez que o vento variava e, pior que tudo isso, o receio ao ditame satânico que asseverava entrar-se-ia numa escuridão de breu e, navegando às cegas, corria-se o risco de passar às borbulhantes águas equatoriais (o *término ardente* mencionado por Camões¹⁶) que exalavam vapores pestilentos. Das brumas surgiriam monstros fantasmagóricos; ouvir-se-iam atormentador ranger de dentes e gemidos lancinantes; seriam sacolejados por fortes turbulências. Enfim, quem dessas águas escapasse, correria o risco de ser tragado por redemoinhos ou

arrastado ao precipício de vertiginosa cachoeira, caindo no espaço habitado por dragões. Evocava-se tanto a existência de dragões que séculos depois os cartógrafos ingleses ainda tinham por hábito assinalar em seus mapas *Hic sunt dracones* ou *here be dragons* (“aqui há dragões.”) Existem dezenas de mapas com essa indicação...

Quando nada, quem desafiasse o imponderável arribaria a uma região inóspita, onde os homens brancos tornarse-iam, no fervor do sol, tão negros como os guinéus, vizinhos a esta quentura¹⁷

Tementes aos desígnios do maldito, os marinheiros henriquinos evitaram o Bojador por 12 anos. Até que, na 14^a ou 15^a tentativa do Infante em instigá-los a seguir adiante naquela paisagem de praias arenosas - a mil e quinhentas milhas de Lisboa - sem habitantes nem sinais de vida,¹⁸ onde estancavam ao acabarem-se as provisões por não haver portos para reabastecimento,¹⁹ finalmente Gil Eanes, em 1434, conseguiu ultrapassar o Bojador ao fazer arrodeio largo em distância segura, inaugurando o que se chamaria de *voltas do mar*. Passara-se três anos do início do descobrimento dos Açores, mas o feito de Eanes era mais espetacular e merecia reprise.

D. Henrique ordena então que Eanes volte ao cabo fatídico no mesmo ano, ou no seguinte, desta vez em companhia de seu *protégé* Afonso Gonçalves Baldaia e

mais “gente de cavalo”, com o intuito de “fazer um (as) salto para cativarem mouros”, segundo relata Duarte Pacheco Pereira.²⁰ Os dois não apenas cumprem a vontade do Infante, como prosseguem na afoiteza por mais cinqüenta léguas ao sul, até darem com os costados na Angra dos Ruivos (depois *Garnet Bay*) “onde acharam terra sem casas” mas puderam observar ‘o rastro de homens e de camelos’.” Em 1436, Baldaia avançou até o Rio do Ouro e à Pedra da Galé (depois *Piedra de Galéa*). Em 1450 fundou-se “numa pequena ilha costeira, a feitoria de Arguim, para onde os exploradores começaram a desviar o ouro e os escravos que as caravanas árabes, em enfiadas de camelos, transportavam do Sudão para os portos africanos do Mediterrâneo.”²¹ Valeu.

Por fim, Duarte Pacheco desmistifica a lenda ao ensinar que o contorno do Bojador deveria ser sempre feito “passando em mar dele oito léguas, e não devem fazer outro caminho porquanto este cabo é muito perigoso por causa de uma restinga de pedra que dele sai ao mar mais de quatro ou cinco léguas, na qual se já perderam alguns navios, por mau aviso”²²

NOTAS:

(*) O Cabo Bojador, também chamado *Cabo Boujdour*, adentra o Oceano Atlântico na costa Oeste da África, no atual Sahara Ocidental, em meio à arriscada cadeia de arrecifes. Seu nome em árabe, *Abu Khatar*, significa “o pai do perigo.” Foi contornado pela primeira vez em 1434 pelo navegador Gil Eanes, tendo os portugueses explorado a região, inicialmente, para capturar escravos. Depois de 1450 a área foi disputada pelos espanhóis que a ganharam, finalmente, em 1860, através do Tratado de Tetuan (com o Marrocos) e, em 1884 foi oficialmente anexada à Espanha. No início do Século XX construíram ali um farol para auxiliar as linhas de navegação marítima. Depois que a Espanha se retirou da região em 1976, o Marrocos reclamou o Cabo, tendo construindo ali uma usina de dessalinização e um aquartelamento militar, elevando-o à Capital da nova província de Boujdour. Uma estrada pavimentada liga o Bojador à El-Aaiún, no Norte.

¹ Cortesão, **A Política de Sigilo nos Descobrimientos** p. 20; ² Texto do Infante D. Henrique, *apud* Cortesão, **A Carta de Pêro Vaz de Caminha** p. 179, complementado por Damião Peres, **História dos Descobrimientos Portugueses** p. 79; ³ João Ribeiro, prefácio à publicação crítica e anotada da Carta de Pero Vaz de Caminha, em **O Fabordão** (1910,) *apud* Malheiros, **Introdução à História da Colonização Portuguesa do Brasil**, vol. I, p. XLVIII; ⁴ Cortesão, *ibid.* p. 56; ⁵ Alm; Samuel E. Morison, **The European Discovery of America/ The Northern Voyages** p. 109 e Damião Peres, *ibid.*, p. 437; ⁶ Cortesão, **Los Portugueses** (vol. III da **Historia de América/Gênesis del Descubrimiento**, organizada por Antonio Ballesteros Beretta) p. 713; ⁷ Pandiá Calógeras, **Formação Histórica do Brasil** p. 20; ⁸ Edgard Prestage, **The Portuguese Pioneers** p. 270; ⁹ Duarte Leite, **Duarte Pacheco e o Brasil**, em **Descobridores do Brasil**, p. 20, *apud* Damião Peres, *ibid.*, pp. 423-424; ¹⁰ Prestage, *ibid.*, p. 275; ¹¹ Consuelo Varela, **Las Rutas Marítimas: La Ruta del Baccalao**, em **Viagens e Viajantes no Atlântico Quinhentista**, coletânea organizada por Maria da Graça M. Ventura, p. 56; ¹² E-mail do professor Paulo Afonso, do grupo **LusoNautica**, *Sent: Tuesday, November 18, 2003 5:08 AM; Subject: [LusoN] Afonso V expedition to the Arctic*; ¹³ Paul Gallez, **Cristobal de Haro, Banqueros y Pimenteros em busca del Estrecho Magallanico**, pp. 54-56; ¹⁴ A expressão é de Amir Klink em **Cem Dias Entre o Céu e o Mar**, p. 53. Gago Coutinho referindo-se à *estima*, diz que ela era obtida pela constatação “dos pássaros que se viam, ou das sondas” (**O Roteiro**

de Vasco da Gama e a sua versão nos *Lusíadas*, p. 11; ¹⁵ Alm. Samuel E. Morison, *The European Discovery of America/The Southern Voyages* p. 4; ¹⁶ Camões, *Lusíadas*, Canto 5º, est. XIII; ¹⁷ Agouros do Bojador: Morison, *The European Discovery of America/The Southern Voyages* p. 44: "...ninguém poderia voltar contra o dominante vento Norte e quem persistisse cairia nas ferventes águas do Equador;" Daniel J. Boorstin, *The Discoverers/A History of Man's Search to Know his World and Himself*, p. 165: "...devemos reconhecer o Bojador como um entrave de primitivos obstáculos ao imaginário dos exploradores. O eloqüente Zurara nos conta o porque dos navios não ousarem passar além do Bojador: lá não existia raça humana nem lugar habitável... e o mar só se ligava à terra por uma braça rasa, enquanto as correntezas eram tão terríveis que nenhum navio tendo passado o Cabo, seria capaz de retornar..." Marjay e von Habsburg, *Portugal, Pioneer of New Horizons Portugal, Pioneer of New Horizons* pp. 16: "Aquele que se atrevesse a passar além do Cabo certamente ouviria sinistro ranger de dentes, seguido por uma grande turbulência das águas, podendo ser petrificado de medo ao encontrar-se entre infernais grunidos na vastidão daquelas sombras, onde o mar e a terra terminam." ¹⁸ Ver também Charles McKew Parr, *Magallanes, Um Nobre Capitan*, pp. 27 a 35; Eduardo Bueno, *A Viagem do Descobrimento*, p. 64; Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, liv. I, cap. 23, *apud* Peres, *ibid.*, p. 94, nota 3; Almirante Idalino Ferreira da Costa Brochado, *Descobrimento do Atlântico*, p. 14; Parr, *ibid.*, pp. 29 e 35; ¹⁹ Parr, *ibid.*, p. 35; ²⁰ Duarte Pacheco, *Esmeraldo de Situ Orbis*, liv. I, cap. 23, *apud* Peres, *ibid.*, pp. 79-81; ²¹ Cortesão. *A Política de Sigilo nos Descobrimentos*, p. 24; ²² Duarte Pacheco, *ibid.*, cap. 22;

BIBLIOGRAFIA:

BOORSTIN, Daniel J. – **The Discoverers/A History of Man's Search to Know his World and Himself**, Vintage Books/Random House, New York, 1983.

BROCHADO, Almirante Idalino Ferreira da Costa - **Descobrimento do Atlântico**, Ed. Gráfica Portuguesa Ltda., Lisboa, 1958;

BUENO, Eduardo – **A Viagem do Descobrimento**, Ed. Objetiva Ltda., Rio, 1998.

CALÓGERAS, Pandiá – **Formação Histórica do Brasil**, Pimenta de Mello & Cia., Rio de Janeiro, 1930 .

CORTESÃO, Jaime – *Obras Completas*, 7 - **A Carta de Pêro Vaz de Caminha**, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1994.

_____ - “” “” 20 – **A Política de Sigilo nos Descobrimentos**, Imp. Nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 1997.

_____ - **Los Portugueses** (vol. III da *Historia de América/ Génesis del Descubrimiento*, organizada por Antonio Ballesteros Beretta) - , Salvat Editores, Barcelona-Buenos Aires, 1947.

COUTINHO, Alm; Gago - **O Roteiro da viagem de Vasco da Gama e a sua versão nos “Lusíadas”** - Portugalia Editora, Lisboa, 1930.

DIAS, Carlos Malheiros – **Introdução à História da Colonização Portuguesa do Brasil**, doravante HCPB, Litografia Nacional, Porto, 1921.

GALLEZ, Paul – **Cristobal de Haro, Banqueros e Pimenteros em busca dos Estrecho Magallanico**, Instituto Patagonico, Universidade de Bahia Blanca, Argentina, s/d.

KLINK, Amir - **Cem Dias Entre o Céu e o Mar** , 3ª ed. José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1985..

LEITE, Duarte - **O Mais Antigo Mapa do Brasil**, HCPB Vol II.

MARJAY, Frederic P. e Habsburg, Otto von - **Portugal, Pioneer of New Horizons** -, Livraria Bertrand, Lisboa, 1965.

MORISON, Alm. Samuel Eliot – **The European Discovery of America/The Northern Voyages**, Oxford University Press, New York, 1971.

MORISON, Alm. Samuel Eliot - **The European Discovery of America/The Southern Voyages**, Oxford University Press, New York, 1974.

PARR, Charles McKew – **Magallanes, Um Nobre Capitan**, Editorial Sapiencia, Madrid.

PERES, Damião - **História dos Descobrimentos Portugueses**, Ed. do Autor, 2ª edição, Coimbra, 1960.

PRESTAGE, Edgard – **The Portuguese Pioneers**, Barnes & Noble, New York, 1967.

VENTURA, Maria da Graça M. – **Viagens e Viajantes no Atlântico Quinhentista** (Coletânea), Ed. Colibri, Lisboa, 1996.



MEMÓRIA. No salão de recepções da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, quando do lançamento do livro **Cartas e Cartões de Oswaldo Lamartine**, de autoria de Veríssimo de Melo, então Presidente do Conselho Estadual de Cultura (à esquerda), Lenine Pinto relata velhas histórias de uma amizade de quase sessenta anos com **Vadinho**. Presentes, o poeta Diógenes da Cunha Lima, Presidente da ANL, o jornalista Woden Madruga ex-presidente da Fundação José Augusto e o próprio homenageado, escritor Oswaldo Lamartine de Faria (centro). Natal/RN, 1995.



RUA FELIPE CAMARÃO, 432 - CIDADE ALTA
CEP: 59.025-200 - NATAL/RN
FONES: 84. 3211.1140 / 3211.8371
graficaprint@uol.com.br